

A LEITURA COMO RESISTÊNCIA

Odette Faustino da SILVA*

A palavra é inerente e essencial a todo ser humano. A linguagem é, por excelência, uma atividade imitativa que nasce da necessidade que todo homem tem de comunicar-se, expressar-se. Comunica-se porque vive em comunidade. Comunicando-se, aprende.

Entretanto, o conhecimento científico, estético e filosófico não pode ser encontrado se não em pequena parcela na comunicação do dia-a-dia, mesmo nos meios mais privilegiados culturalmente falando. É conquistado, normalmente, através de leituras, do livro, ainda que em nossos dias se façam sérias interrogações a respeito do futuro desse meio de comunicação. Ler, portanto, é uma necessidade para todo indivíduo que pretende viver em sociedade, como explica Marisa Lajolo, em seu livro *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*:

E não apenas para aqueles que almejam participar da produção cultural mais sofisticada, dos requintes da ciência e da técnica, da filosofia e da arte literária. A própria sociedade de consumo faz muitos de seus apelos através da linguagem escrita e chega por vezes a transformar em consumo o ato de ler, os rituais da leitura e o acesso a ela. Assim, no contexto de um projeto de educação democrática vem à frente a habilidade de leitura, essencial para quem quer ou precisa ler jornais, assinar contratos de trabalho, procurar emprego através de anúncios, solicitar documentos na polícia, enfim, para todos aqueles que participam, mesmo que à revelia, dos circuitos da sociedade

* Aluna do Programa de Pós-Graduação.

moderna, que fez da escrita seu código oficial (Lajolo, 1994, p. 106).

E para Ziraldo, “Ler é mais importante que estudar”.

A verdadeira compreensão daquilo em que se constitui, na realidade, o ato de leitura, o empenho para se formar o leitor, deveria, portanto, ser a preocupação prioritária da escola de primeiro grau, segundo Maria da Glória Bordini.

Na realidade, o que se verifica? Uma forte resistência à leitura por parte dos alunos, que, em alguns casos, talvez seja compartilhada por seus próprios mestres. Para Richard Bamberger a resistência à leitura advém do fato de que muitas vezes não se sabe ler. Para ele, ninguém pode adquirir um hábito cujo exercício constitua-se em atividade penosa, porque todo hábito entra na vida como jogo que, por mobilizar emoções e inspirar prazer, exige repetição contínua e renovada. O exercício de habilidades adquiridas confere prazer: dirigir um carro, operar o computador, tocar um instrumento, ler.

A criança adequadamente alfabetizada experimentará prazer em exercitar sua habilidade de ler. Estará pronta a ser motivada, sobretudo para a leitura da literatura infantil. Tal exercício de leitura caracteriza-se pelo prazer, em função do qual será renovado a cada dia, e poderá formar na criança o hábito de leitura.

Tal hábito não se pode formar, no entanto, como num passe de mágica. Faz-se necessário que o educador tenha bem presente qual é a verdadeira natureza da leitura e, conseqüentemente, quais os passos a serem desenvolvidos nessa direção.

Para Paulo Freire, o aprendizado da leitura das palavras deve ser precedido da leitura do mundo, a partir de uma atividade perceptiva, que fará emergir a leitura crítica.

Os filósofos da chamada Estética da Recepção que divergem entre si em pontos acidentais da teoria, concordam, entretanto, no repúdio a uma concepção de leitura simplesmente mecanicista. O processo é, para eles, sempre dinâmico. O ato de leitura compreenderia, pois, todo um processo: um ato de refletir e de transformar. Um desses filósofos, Wolfgang Iser, preconiza para o

receptor uma atitude de flexibilidade, de mente aberta, o que pode propiciar-lhe crescimento, transformação. Tal atitude evidenciaria o leitor maduro.

Para Bamberger a leitura não pode ser considerada como um meio de apenas receber mensagens importantes, como outrora foi entendida. Essa característica dialógica constitui-se, talvez, numa das mais específicas de sua natureza. Para Proust, ler é estabelecer uma conversação com os autores dos livros, “com homens muito mais sábios e mais interessantes, que aqueles que podemos ter a chance de conhecer a nossa volta” (1991, p. 26).

Em seu livro *Como incentivar o hábito de leitura*, Bamberger coloca em vários momentos o fato de se ler muito pouco, mesmo em países do primeiro mundo e afirma que tal situação pode ser gerada em função de não serem respeitadas as fases de desenvolvimento intelectual da criança na escolha de suas leituras. Esclarece que a cada fase da leitura, como para cada tipo de leitor, corresponde uma modalidade de interesse. Em outro ponto, cita uma frase de Nila Banton Smith: “O interesse é a pedra de toque do progresso, do prazer e da utilidade da leitura. É o gerador de toda a atividade voluntária da leitura” (1987, p.31).

O interesse, por vezes, determina atitudes difíceis de serem explicadas apenas pela lógica humana. A psicologia pode ajudar quando classifica os diversos tipos de temperamento, em função dos quais esses mesmos interesses se manifestam. O homem prático e objetivo, o realista terá, provavelmente, interesses diversos dos peculiares ao tipo romântico, preocupado sobretudo com questões de ordem estético/afetiva.

Entre os fatores determinantes dos interesses da criança parecem estar a faixa etária, nas diversas fases do seu desenvolvimento intelectual, o sexo, o nível sócio-econômico, entre outros. No ato de leitura, o interesse vai determinar o gosto, a escolha do tipo de livro, a tendência a determinada corrente estética, a preferência por certos temas, etc.

Talvez caiba à escola e, mais especificamente, ao professor, a escolha da leitura a ser propiciada, sugerida, tornada possível a seus alunos, pois o interesse pode até recuperar o tido como irrecuperável no educando, ou seja, o gosto pela leitura que pode ter perdido nos bancos escolares, como pode-se ler num texto lobatiano, provavelmente da década de vinte, onde o escritor analisa,

com irreverência, a situação da literatura infantil na escola daquele período e o “milagre” operado pelo interesse:

Um belo dia lhe cai nas mãos um livro proibido, *Tereza, a filósofa*, por exemplo. O menino abre-o, por acaso, já enfasiado de antemão.

- Já sei. É aquela seringaço do Tiradentes...

E lê displicente uma linha. Lê mais interessado a segunda. Lê uma outra com o sangue já a alvoroçar-lhe nas veias - e corre a esconder-se para que ninguém lhe perturbe a leitura do livro inteiro.

Está salvo! Aquele providencial livrinho matou-lhe o engulho da leitura inoculado na escola pela pedagogia sorna. O menino aprendeu no livro de Tereza o valor da leitura; viu que a letra de forma não se limita a veicular as estopadas bocejantes do desagradável tempo de prisão escolar; viu que a leitura é suscetível de interessar profundamente à imaginação (1969, p. 85).

Lobato não perdoa a escola que, segundo ele, é a grande culpada pela resistência que o educando faz à leitura, por sua rejeição pelo livro, conforme escreve no mesmo texto:

O menino aprende a ler na escola e lê em aula, à força os horrorosos livros de leituras didáticas que as indústrias do gênero impingem nos governos. (...) Aprende assim a detestar a pátria, sinônimo de seca, e a considerar a leitura como um instrumento de suplício. A pátria pedagógica, as coisas da pátria pedagogizada... (...) e embutida a martelo num cérebro pueril que sonha acordado e, fundamente imaginativo, só pede ficção, contos de fada, história de anõezinhos maravilhosos, 'mil e uma noites'... (...) sai o menino da escola com esta noção curiosíssima, embora lógica: a leitura é um mal, o livro, um inimigo; não ler coisa alguma é o maior encanto da existência (1969, p.85).

Propõe-se, portanto, um cuidado redobrado com a alfabetização; um maior respeito às fases de desenvolvimento intelectual da criança; um grande

empenho por parte do professor no sentido de, na tarefa de incentivar a leitura, ser a um tempo sujeito e objeto, ator e espectador nesse processo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAMBERGER, R. *Como incentivar o hábito da leitura*. Trad. O. M. Cajado. São Paulo: Ática, 1987.
- LAJOLO, M. *Do mundo da leitura para a leitura do mundo*. São Paulo: Ática, 1994.
- LOBATO, M. Os livros fundamentais. In: __ *A onda verde*. São Paulo: Brasiliense, 1969.
- PROUST, M. *Sobre a leitura*. Trad. C. Vogt. Campinas: Pontes, 1991.